



Resenha

RESENHA

VIANA, Nildo. e REBLIN, Iuri Andreas (org.). **Super-heróis, cultura e sociedade:** aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011. 184p.

Marcos Carvalho Lopes

O livro **Super-Heróis, Cultura e Sociedade**, organizado pelo filósofo e sociólogo Nildo Viana e pelo teólogo Iuri Andreás Reblin, tem como mérito incontestável a proposta de pensar a cultura popular construindo um diálogo que rompe as fronteiras acadêmicas/disciplinares e os pressupostos conservadores que criam uma distinção vertical entre os objetos que seriam dignos de estudo e aqueles que deveriam ser ignorados. O subtítulo do livro é “Aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos”, como destaca Iuri Reblin na apresentação do volume, isso sublinha a de que diversas perspectivas de formação e análise oferecessem ao leitor uma visão não reducionista dos super-heróis, os abordando em toda sua potencialidade e riqueza (p.7). A coletânea de artigos procura uma espécie de consenso sobreposto que supere a especialização, operação que deve ser desenvolvida pelo leitor: o livro abre horizontes para que surjam mais trabalhos e diálogo sobre os super-heróis e sua função cultural.

Grosso modo podemos distinguir duas formas de abordagem dos super-heróis no livro: por um lado há os que os analisam a partir de um ponto de vista sociológico, como fenômeno de uma cultura capitalista, onde são vistos como produtos desenvolvidos tendo como fim o lucro, com função ideológica conformista; por outro lado, há aqueles que partem de uma perspectiva romântica, onde o gênero da superaventura é lido em conexão com o desejo individual de transcendência, como aceno do sagrado na cultura atual. No primeiro grupo, estaria o polo predominante das análises de Nildo Viana (filósofo e sociólogo), Edmilson Marques (historiador e cientista social) e Waldomiro Vergueiro (professor de Comunicação); mais afins a segunda tendência estão Iuri Andreás Reblin (teólogo), Valério Guilherme Schaper (teólogo) e Denise D’Aurea Tardeli (psicóloga e pedagoga). Esta tensão não é e nem deve ser apagada, como observa Nildo Viana: “o desejo do ser humano de ser livre significa vontade de superar sua pequenez produzida socialmente, e o super-herói encarna inconscientemente este projeto, bem como encarna seu contrário, a pequenez, quando olhamos para sua face mais consciente e visível” (p.13). O conflito entre instintos incorrigíveis e cultura dominadora para Freud deveria ser tomado também como algo que não pode ter resolução, uma disputa que buscamos apaziguar/organizar

construindo (e reconstruindo continuamente) nosso *self*. Como formula Philip Rief “a ideia romântica do inconsciente pode ter contribuído originalmente para a ideia antidemocrática de gênio (como em Schelling), mas Freud democratizou o gênio dando a todas as pessoas um inconsciente criativo” (RIEF,1979: p.56). Na medida em que o *self* precisa ser construído *la lotta continua* é uma tarefa cultural inevitável que não se reduz as narrativas de decadência apocalípticas ou a aceitação da trivialidade como um beco sem saída. Como explica o filósofo Charles Taylor, “a batalha não deveria ser *pela* autenticidade, contra ou a favor, mas *sobre* ela, definindo seu significado correto”; o que pare ele estaria em superar o egotismo, persuadindo “as pessoas de que a autorrealização, muito longe de excluir relacionamentos incondicionais e exigências morais além do *self*, na verdade as requer em alguma forma” (TAYLOR, p.78). Se para algumas pessoas os super-heróis e os quadrinhos tem uma função muito importante em sua autocriação (ocupando mesmo o lugar de algo sagrado), nada mais justo do que abrir espaço para que existam mais conversas sobre o sentido e o significado das superaventuras em nossas vidas e cultura. Talvez por isso, para Nildo Viana,

“Nós, escritores, analistas e leitores, temos de superar a pequenez e torcer para os super-heróis fazerem o mesmo, inclusive lutar contra nós mesmos para não nos cegarmos diante da pequenez dos super-heróis, por admirá-los por sua grandeza. Neste jogo há uma constante luta e, nesta luta, seus produtos e, entre seus produtos, o presente livro interfere nela” (sic.)(p.13).

Entre os artigos existem informações redundantes, o que na maioria das vezes não gera um grande prejuízo. Exemplo disso é que os artigos de Nildo Viana e Waldomiro Vergueiro propõem narrativas sobre a trajetória de criação e transformação dos super-heróis relacionando-a com o desenvolvimento histórico e social. A divergência entre os dois pesquisadores esta no modo como contar esta história, qual deve ser o escopo, como ela deve ser dividida, com quais termos etc. Enquanto Viana tem como referência a “sucessão de regimes de acumulação”, Vergueiro mantém seu foco na sociedade norte-americana, tomando os super-heróis como um fenômeno que se vincula primordialmente a cultura deste país. Para ele a produção/invenção de super-heróis noutros “contextos culturais costuma representar uma imitação bastante limitada do modelo narrativo original, com resultados muitas vezes patéticos, totalmente dispensáveis – o que é pior – contraditórios em relação à cultura nativa” (p.148). Ainda que Viana não compartilhe desta delimitação, seu trabalho também gira basicamente em torno dos quadrinhos norte-americanos, no entanto, com a promessa de aprofundamento

e expansão em um trabalho posterior para incluir os astros de superaventuras de outras culturas.

O trabalho de Iuri Andreás Reblin num primeiro momento procurar articular e avaliar as formas de abordagens teóricas dos quadrinhos apresentando o seu pressuposto: “a pergunta pelos super-heróis não deixa de ser, em seu íntimo, uma pergunta religiosa” (p.62). A seguir o autor apresenta seis modelos de arquétipos mítico-religiosos que estruturariam as narrativas sobre os super-heróis, que a seguir são articulados com a descrição da trajetórias de alguns deles, focando primordialmente o Capitão Marcel e Shazam.

Reblin desenvolve algumas questões sobre as relações entre a realidade e a ficção nos quadrinhos; tema que é o centro do texto de Edmilson Marques. Em verdade, o texto de Marques está tão amarrado a uma perspectiva metodológica/política que lhe garantiria acesso a “essência da realidade social” que ao denunciar o maniqueísmo das superaventuras corre o risco de fazer caricatura da caricatura, realizando outro reducionismo. Exemplo disso acontece quando argumenta que:

“se o Coringa representa o mal por provocar desordem e destruição, e vemos na realidade países imperialistas matarem milhares de pessoas através de guerras, bem como diversas empresas e indústrias fazendo o mesmo, com a depredação da natureza, então, esses podem ser encarados como o mal. Assim, partindo de um ponto de vista maniqueísta, podemos chegar à conclusão de que, nas histórias em quadrinhos, ocorre uma inversão da realidade, colocando o bem como mal, e o mal como bem, se a partir do pressuposto de que o mal é aquele que prejudica a vida de seres humanos” (p.115).

Na “realidade” o terrorismo do Coringa seria uma coisa boa? O uso de termos como “ideologia” é inflacionado, a ideia de que podemos separar “momentos de realidade” e “momentos de ficção” nos quadrinhos é pouco interessante por repor e duplicar os velhos dualismos gregos entre realidade e aparência.

O texto de Valério Guilherme Schaper é interessante por, ainda que sumariamente, pensar o lugar do herói na sociedade brasileira. Porém, sua reflexão ética tem uma articulação débil com os quadrinhos: apenas nas três páginas finais de seu texto (de treze páginas) o autor faz alguma referência aos seres superpoderosos dos comics, com uma citação que é redundante para o leitor, já que o Surfista Prateado havia socorrido outros articulistas nas páginas anteriores. O Surfista Prateado é um exemplo privilegiado por conta de na sua trajetória ter trocado suas relações de lealdade, passando de posições trágicas e amorais para outra heroica; o que sublinha os aspectos da responsabilidade em nossas escolhas.

Denise D’Aurea Tardeli apresenta um trabalho instigante que procurar mostrar

a importância das narrativas heroicas no desenvolvimento da personalidade moral. Os super-heróis seria “um modelo otimizado dos valores que uma cultura entende como bons e próprios”, que articula tanto o próprio (o que somos, o que cremos que somos, o que queríamos ser), quanto o que é percebido como outro (o que cremos que não somos quem cremos não ser), sendo que muitas vezes estes termos se confundem nos limites entre heroísmo e vilania (como na história de Darth Vader) (p.131). Os super-heróis ajudariam os jovens como modelo de identificação que aponta para a formulação de um propósito de vida, o que, seguindo William Damon, seria um fator importante para seu desenvolvimento psicossocial. Desta forma,

“explicando o super-herói pela perspectiva moral, observa-se, ao vencer todos os obstáculos, diferentemente do herói trágico, ele vence todas as vicissitudes e, no momento máximo da trama, quando está quase vencido, salva-se pelos seus valores morais” O que possibilita seu triunfo é “o vigor de seus sentimentos, aquilo que paradoxalmente o deixa vulnerável: o amor, o sentido de lealdade, a superação pessoal, a honestidade, a inclinação pelos mais fracos” (p.135).

Um dos pontos instigantes que o leitor pode encontrar no livro é a avaliação sobre o lugar dos super-heróis na pós-modernidade, ou, mais especificamente, como sua autoimagem foi modificada após os atentados terroristas de 11 de Setembro. A morte do Capitão América no governo Bush, a união de vilões e heróis para ajudar a socorrer as vítimas do 11 de Setembro, o surgimento de super-heróis homossexuais, o avanço das grandes sagas metanarrativas em temas pós-modernos etc. Diversos artigos lidam com este problema. Por exemplo Nildo Viana fala do grupo The Authority da Image Comics que combatem super vilões, alienígenas poderosos, ditadores, governos e até Deus (por eles destruído em um combate) (p.50). Para Tardeli existe no novo discurso identitário dos super-heróis atuais uma perspectiva mais fechada, com disposição “a conseguir seu objetivo a todo custo”. No entanto isto não indica de modo explícito desrespeito a lei, porém aponta para uma postura menos democrática (p.139). Seria esta postura menos democrática uma marca do acirramento dos nacionalismos num horizonte de crise econômica global? Em verdade, melhor deixar o convite para que o leitor explore as respostas e interrogações que o livro potencializa e que também produza novos trabalhos sobre o que estes seres superpoderosos nos ensinam/instigam/ocultam.

O livro **Super-Heróis, Cultura e Sociedade** merece ser lido e debatido, afinal, um dos problemas de nossa cultura acadêmica é a cordial “desconversação” acerca dos

trabalhos de nossos pares, onde toda crítica é tomada como um ataque pessoal.¹ Em verdade, cabe ressaltar a condição de novidade editorial deste livro.

Em 2000 a editora *Open Court* fez uma aposta ousada: lançou uma série de livros com a proposta de pensar filosoficamente a cultura popular, partido de seriados, filmes, quadrinhos, bandas de rock etc. O sucesso foi imediato, como grande vendagem e tradução de alguns títulos para vários idiomas (como **Simpsons e a Filosofia**, **Matrix e a Filosofia**, **U2 e a Filosofia**, **Beatles e a Filosofia**, dentre outros publicados pela editora Madras no Brasil). Atualmente a série *Popular Culture and Philosophy* tem mais de sessenta títulos, além da previsão contínua de lançamentos e submissão para novos projetos. O êxito inspirou séries similares (como a *The Blackwell Philosophy and Pop Culture Series*), assim como a procura por novos e inusitados hibridismos entre academia e cultura popular.

No Brasil as editoras se contentam em traduzir títulos das séries norte-americanas sem correr o risco de desenvolver projetos locais que pensem a cultura brasileira. Os livros **Drummond e a Filosofia** (EDUNISC) de 2007 e **Caetano e a Filosofia** (EDUNISC/UFBA) de 2011, organizados por Sérgio Schaeffer e Ronie A. T. da Silveira são importantes exceções, que surgiram em editoras universitárias. O livro **Super-heróis, cultura e sociedade**, publicado e Ideias & Letras, traz a novidade de ser uma aposta de uma editora comercial. Seria a abertura para o desenvolvimento de mais propostas similares? Os estaríamos condenados a esperar que iniciativas heroicas quebrem a crosta de convenção que inviabiliza em nossa sociedade o desenvolvimento de uma cultura reflexiva? Deveríamos nos acomodar aos horizontes acadêmicos de irrelevância comparada? A resposta para essas questões não pode ser dada por um super-herói, por isso mesmo é importante desenvolver uma atitude *melhorista*, que destaque a inovação, compreenda os defeitos e riscos inerentes a este tipo de aposta, trabalhando para que possamos juntos nos aprimorar.

Referencial bibliográfico

MARGUTTI, Paulo. “O *filósofo cordial* como educador e autor” Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/fibra/arq/margutti_cordial.pdf. Consultado em 16/12/2011.

RIEF, Philip. **Freud: Pensamento & Humanismo**. Trad. Silvana Borim Mirachi. Belo Horizonte, MG: Intelivros, 1989.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. Trad. Talyta Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2011.

¹ C.f. MARGUTTI, Paulo. “O *filósofo cordial* como educador e autor” Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/fibra/arq/margutti_cordial.pdf. Consultado em 16/12/2011.